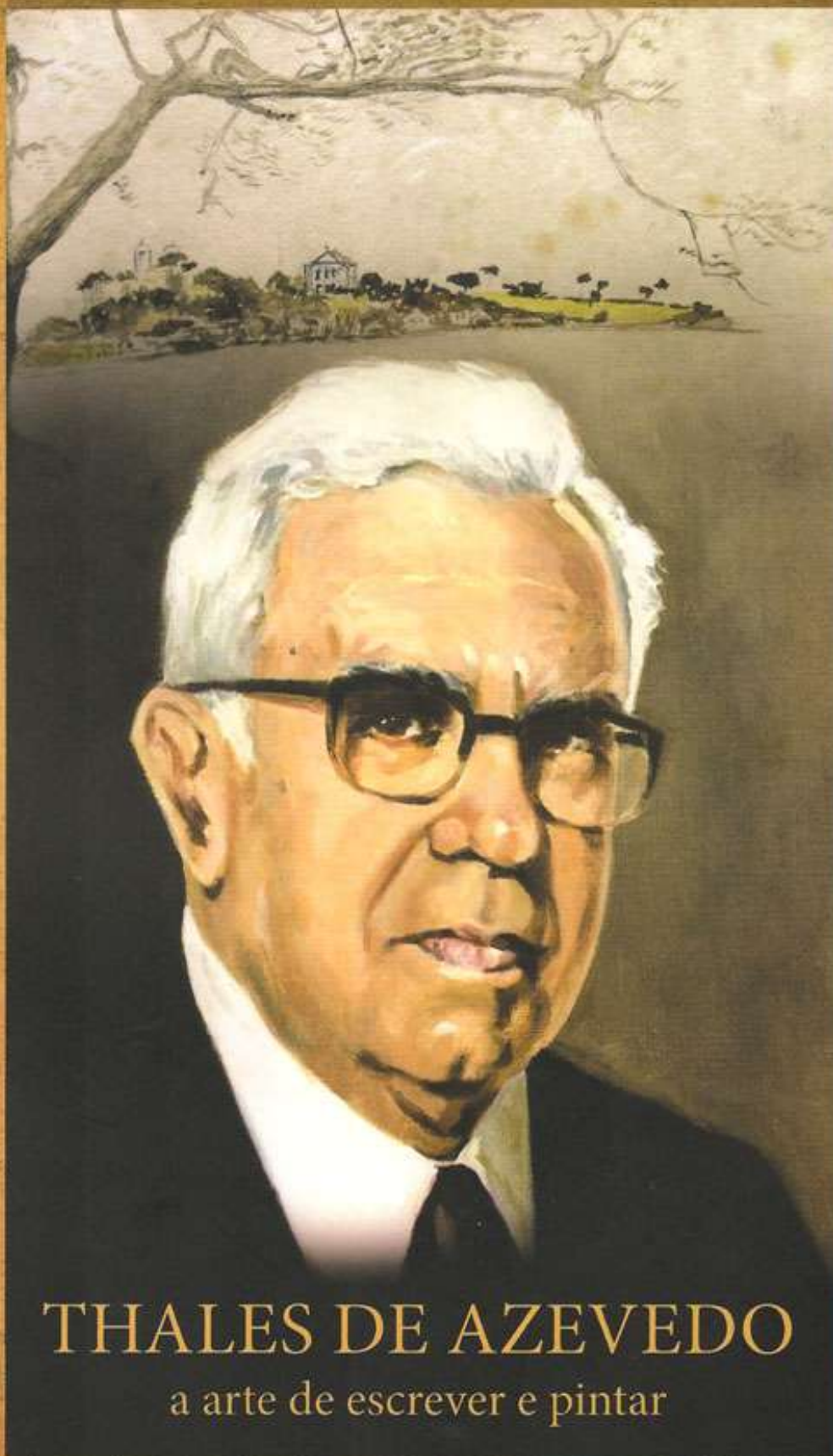


Paulo Ormino de Azevedo (Org.)



THALES DE AZEVEDO
a arte de escrever e pintar



EDUPBA

2015, Autores.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e Projeto Gráfico
Filipe Bezerra

Ilustração da Capa
Henrique Passos e Thales de Azevedo

Revisão e Normalização
Tainá Amado

Sistemas de Bibliotecas - UFBA

Thales de Azevedo: arte de escrever e pintar / Paulo Ormino de Azevedo (Org.).
Salvador : EDUFBA : Salvador, 2015. 188p.

ISBN 978-85-232-1425-8

1. Azevedo, Thales de, 1904-1995 - Crítica e interpretação. 2. Ficção brasileira.
3. Literatura brasileira. I. Azevedo, Paulo Ormino de.

CDD - 869.9

Editora filiada à



Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina
40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164 | Fax: +55 71 3283-6160

www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

O OLHAR ATENTO DE THALES DE AZEVEDO

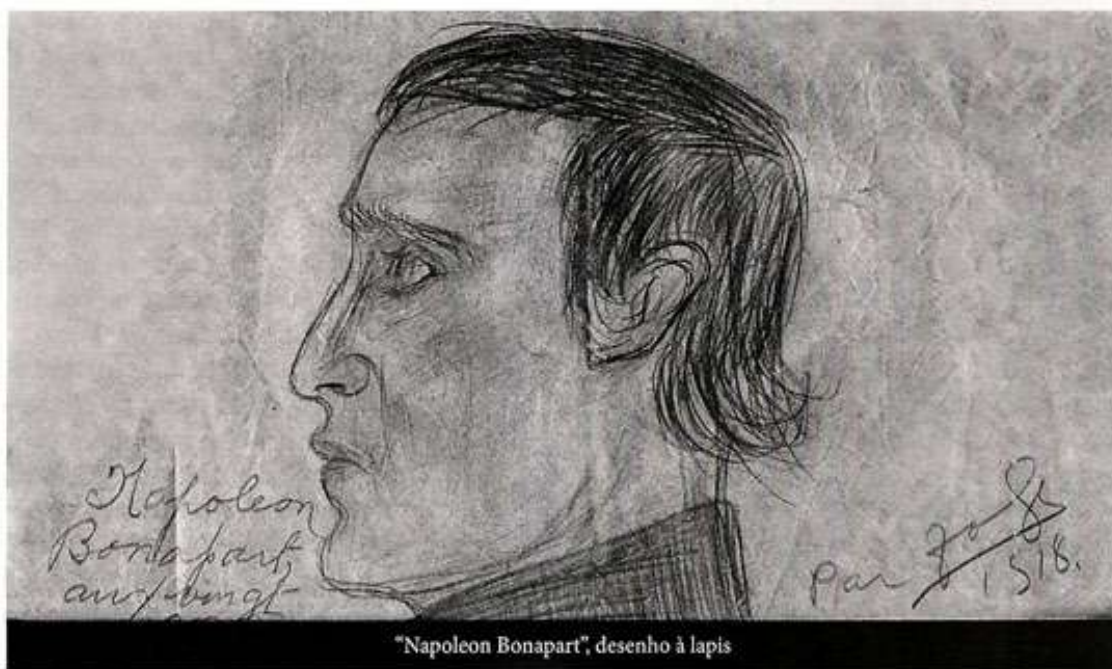
Paulo Ormino de Azevedo

Mais conhecido como professor e antropólogo, Thales de Azevedo vendia a imagem de introvertido e sisudo, mas na intimidade era o oposto: pintor sensível, prosador às vezes irônico, leitor voraz, artífice de engenhocas, personalidade curiosa e lúdica. É interessante conhecer suas múltiplas atividades para compreender a diversidade e riqueza de sua obra. Sua curiosidade lúdica se manifestava não só na pesquisa sobre temas pouco estudados, como o cotidiano, mas na busca de novas interpretações para unanimidades consagradas e na brincadeira com os filhos, sempre de caráter educativo, como a montagem de rádios de galena e epidiascópios, a revelação de fotografias, uma delas premiada pela Kodak, a observação de eclipses do Sol com cacos de vidro esfumados e a exploração do invisível a olho nu no seu microscópio

de médico, além da prática diária de decifrar quebra-cabeças de jornais. Junte-se a isso sua quase obsessão por todo tipo de *gadgets* que pudessem facilitar seu trabalho.

Essa diversidade de interesses se deve não só a sua personalidade, como às muitas atividades que exerceu e saboreou antes de descobrir a antropologia, uma ciência nova, reveladora de um Brasil desconhecido, que ele foi um dos desbravadores. Ainda estudante de medicina, trabalhou como professor secundarista de inglês e como "caixeiro" na Casa Tude, de exportação e importação. Naquela casa comercial se tornou amigo de Frederico Edelweiss, que franqueou sua biblioteca monumental sobre nossos índios e processo de colonização, onde passava muitas horas nos fins de semana.

Formado em medicina, clinicou em Castro Alves e em Salvador, foi funcionário da Secretaria de Educação e Saúde, jornalista, professor universitário, gestor de fundações e faculdades, conferencista itinerante, inclusive no exterior, ficcionista, poeta bissexto e pintor nas horas vagas. Todas



"Napoleon Bonaparte", desenho à lapis



"Velha", primeiros esboços

essas atividades partiam de uma visão atenta da nossa paisagem e sociedade. Não é por acaso que um dos capítulos mais importantes do seu livro de maior circulação, *Povoamento da Cidade do Salvador*, é "O processo ecológico", a relação da sociedade com o meio ambiente.

A paisagem natural e humanizada da Bahia foi descrita por ele não só nesse clássico e na Introdução ao livro *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*, de Diógenes Rebouças e Godofredo Filho, como foi precedida por caricaturas de uma comunidade interiorana, por aquarelas e óleos de marinhas de Itapagipe, Amaralina e Itaparica e bicos de penas de caráter etnográfico.

A paisagem de Salvador e sua preservação foi também um dos temas reiterativos de seus artigos do jornal *A Tarde*, como o intitulado *As árvores antigas*. Nele, ele lamenta o desaparecimento de alamedas de palmeiras imperiais e de pitangueiras na entrada de casas nobres da cidade, bem como do perfume das murtas, jasmineiros, resedás, rosas e cravos nos jardins. Ele conhecia bem essas plantas e

árvores em suas caminhadas diárias pela cidade com olhar atento, especialmente no percurso de sua casa ao atual Palacete das Artes, onde funcionava o Conselho de Cultura do Estado, e dali até o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, na Piedade, dos quais foi membro, durante anos, e diretor.

Sem se promover, ele tinha consciência da sua condição de médico – escritor – pintor. A propósito da realização, em 1972, em Salvador, do VI Congresso de Escritores-Médicos, ele assinala em um artigo de jornal alguns desses escritores baianos, sem se citar, como Edgar C. Falcão, Herman Lima, Octacílio C. Lopes, Estácio de Lima, Itazil Benício, Almeida Gouveia, Sá Menezes e outros. E pintores que ele qualifica de virtuosos, como Mirabeau Sampaio, Humberto Peixoto e Jessé Accioli.

A pesquisa, o magistério, o jornalismo e a pintura foram suas atividades mais constantes. Na pintura ele começa pelo desenho precocemente, com apenas 14 anos. Sua iniciação nas artes se deu ainda no colégio Antônio Vieira, na Rua Coqueiros da Piedade, com o padre português Geraldês,



professor de História e Geografia, grandalhão e pesado, mas fino aquarelista de plantas e frutos tropicais para um livro que nunca publicou. Com ele fez alguns exercícios de desenho de observação.

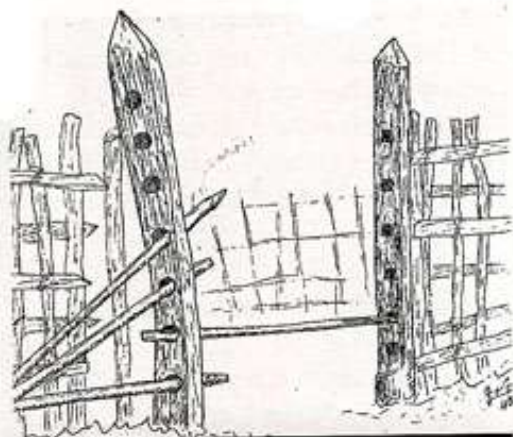
Seus primeiros desenhos que se conservam são retratos. O mais antigo data de 1918. É uma cópia do retrato de Napoleão Bonaparte em creiom. Na documentação que ele próprio guardou, há um hiato de seis anos. Só voltou a desenhar em 1926, com um creiom intitulado "Retrato de mexicano", mas que se parece um padre. Seis anos mais tarde, ele realiza dois outros desenhos muito interessantes. São bicos de pena de uma mulher envelhecendo de perfil e de frente.

Formado em medicina, foi clinicar em Castro Alves (1929-1932). A paisagem natural do sertão não o impressionou, senão a humana. Com visão crítica, ele retrata aquela sociedade em caricaturas de coronéis e de membros do clero, protagonistas do patriarcado ainda vigente no interior. São creions e bicos de penas desprezíveis, tendo como suporte cartões, envelopes e pedaços soltos

de papel. Registrada inicialmente em desenhos, ele voltaria, mais tarde, a traçar o perfil daquela sociedade na novela *Foi Deus não acontecer nada*. São os mesmos personagens que se reuniam na porta da farmácia, nas igrejas e nos salões de festa. Sem se dar conta, ele estava ilustrando uma novela que só escreveria 52 anos depois.

Com visão sociológica, ele retratou também o catolicismo popular do nosso interior nas figuras de bispos, padres, frades, feiras e beatas, tema que ele analisaria mais tarde com a publicação, em 1953, do artigo "Catholicism in Brazil: a personal evaluation" na revista norte-americana *Thought*. A partir dessa primeira abordagem, ele desenvolveria uma série de ensaios sobre o tema. O que é surpreendente naqueles desenhos e ensaios é uma visão positiva sobre esse catolicismo ingênuo, personalista e informal, em contraste com os que cobravam a ortodoxia da Igreja romana.

De volta a Salvador, em 1933, Thales começou a pintar marinhas, igrejas e o casario dos locais em que veraneou ou passou fins de semana com uso da cor em aquarelas e óleos.



Chaleira e bomba de chimarrão

mortas e interiores com paisagens urbanas vistas através de janelas.

Aposentado da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1968, Thales tem então mais tempo para se ausentar de Salvador e passar dias na fazenda Gruta, de sua filha Isabel e seu genro dr. Lavanieri Moreno, numa das regiões mais belas e dramáticas da Bahia, Milagres, com seus imensos falos rochosos. Ou na fazenda de sua filha Silvia e seu genro dr. Antônio Rabello Leite, em São Gonçalo dos Campos. Pinta ali serranias e casas rurais. Nesse mesmo período, Thales volta a se interessar pelo retrato. Pinta D. Mariá e Antônio Bispo, escudeiro doméstico dedicadíssimo, e faz dois autorretratos. A técnica agora preferida é o acrílico. Realiza também um retrato de Mario Cravo Jr. a creiom, durante uma reunião do Conselho Estadual de Cultura. Em casa, o complementa com lápis de cor.

Thales nunca pretendeu ser reconhecido como pintor. Pintava e desenhava por prazer e como documentarista etnográfico, por isso nunca expôs ou vendeu seus quadros. Por ocasião da comemoração dos 50 anos de publicação de seu primeiro livro, *Gaúchos*, em 1993, seus filhos

organizaram em surdina uma exposição de 60 de seus desenhos e pinturas na Academia de Letras da Bahia. Este autor publicou na mesma oportunidade, no jornal *A Tarde*, o artigo "Thales de Azevedo, o pintor". Revelava-se, assim, pela primeira vez para o público, o artista plástico até então só conhecido por seus familiares.

Na oportunidade da realização do Seminário Relendo Thales de Azevedo, organizado pela Academia de Letras da Bahia, UFBA, Associação Brasileira de Antropologia, Fundação Pedro Calmon e Museu de Arte da Bahia da Secretaria de Cultura da Bahia, entre 10 e 13 de novembro de 2015, foi feita uma segunda exposição de suas aquarelas, desenhos, fotos e objetos de trabalho no Museu de Arte da Bahia.

Thales de Azevedo, sem perder o foco de sua principal devoção, a antropologia, desenvolveu, em paralelo, atividades literárias e artísticas que revelam um olhar novo sobre a nossa cultura. Muito desse olhar foi registrado em primeira mão na pintura. Como em seus ensaios científicos, sua pintura não tem apenas um valor documental, senão artístico. É surpreendente para um pintor autodidata, como ele, o domínio da composição, das proporções, da perspectiva, da luz e da sombra e da escala cromática. Deixo ao leitor a avaliação de sua pintura, mas quero assinalar que nesse campo ele teve a mesma inquietação intelectual que revelou na medicina indígena, na historiografia da colonização, na antropologia do cotidiano, nas relações raciais, no jornalismo, na ficção e na poesia, sempre buscando revelar um novo olhar.

Galeria de aquarelas,
pinturas e fotos de
Thales de Azevedo

